

Como escrever a História?

A “Dezembrada” e a Guerra do Paraguai

*Denilson Alexandre Coêlho**

Introdução

A História é escrita de diversas maneiras. Cada historiador, cada pensador, cada admirador possui sua forma de ver e interpretar a História. Mas, há um jeito certo de escrever a História? Como escrevê-la? O que abordar? O que é e para que serve a História? Perguntas que possibilitam uma reflexão sobre a forma como se vive a História e como cultuamos os grandes nomes e os grandes acontecimentos de nossa humanidade.

A Guerra do Paraguai foi um episódio na História da América do Sul que merece destaque, pois foi o maior conflito armado já ocorrido em território sul-americano. Seus efeitos são sentidos ainda hoje, seja do lado paraguaio, seja do lado dos aliados. Costumes foram alterados, fronteiras modificadas, governos derrubados e governantes mortos. Esta guerra deixou um legado de luta, bravura, coragem, covardia e tristeza em todos os que dela participaram e em todas as nações que tiveram a inevitável necessidade de combater.

Todos os momentos do conflito entre Brasil, Argentina e Uruguai (Tríplice Aliança) e o Paraguai foram momentos importantes e decisivos. Cada soldado morto em combate, cada terra conquistada e reconquistada, cada forte derrubado foram de extrema importância, entretanto, pode-se afirmar que a “Dezembrada” foi o clímax e o ponto de inflexão e decisão de todo o conflito.

A “Dezembrada” foi o nome dado à sequência de batalhas ocorridas no mês de dezembro de 1868, ano decisivo para a guerra. Itororó, Avaí e Lomas Valentinas foram batalhas cruciais, que deram novo rumo ao conflito. Francisco Solano López, o presidente e comandante das tropas paraguaias, sentiu a força do Exército Brasileiro e o exemplo de coragem de seu marechal, Caxias.

Como descrever esses momentos decisivos da guerra? Segundo a visão dos antigos historiadores, como Heródoto, a Dezembrada deveria ser descrita com emoção, exaltação e sutilezas literárias para envolver e agradar o leitor. Sob a ótica da História positivista, os conflitos de dezembro de 1868 deveriam ser relatados com

* 1º Sgt AvMnt (CIAvEx/02), graduado em História (UNICEUB/12) e pós-graduado (especialização) em História, Sociedade e Cidadania (UNICEUB/17). (2scoelho@gmail.com)

simplicidade, narrados e descritos estritamente como ocorreram, sem qualquer lirismo; além de serem utilizados somente documentos ditos oficiais e verdadeiros. Segundo a Escola Metódica, Itororó, Avaí e Lomas Valentinas devem ser exibidas sob métodos estritamente descritivos, sem espaço para que o historiador possa emitir qualquer juízo de valor; o formato da escrita deve ser direto e pautado em detalhes técnicos e científicos. Para o marxismo, deve-se enfatizar o caráter econômico da guerra bem como na forma como o Paraguai foi sistematicamente destruído. Pela Escola dos Annales, este episódio deve ser escrito sem muitas amarras, sob o olhar de uma documentação ampla e variada, além de abranger todo um conjunto de informações e campos de conhecimento que permitam ao leitor desfrutar um panorama historiográfico privilegiado. Por fim, a Nova História é a amplitude de pensamento historiográfico de que o historiador precisava para apresentar uma História ao mesmo tempo vasta, como que em uma longa duração, e restrita, como que num piscar de olhos; é a possibilidade de olhar no fundo do olho dos acontecimentos e perceber os detalhes que o passado deixou; como por exemplo, descobrir por que Solano López conseguiu fugir durante o cerco a Lomas Valentinas.

A História é brilhante e permite aos leitores do presente e do futuro compreender e conhecer todas as atitudes e todos os motivos que os trouxeram a esse presente tal como ele é. O passado não é a História, mas sim a ferramenta utilizada pelo historiador para desvendar, interpretar e com-

preender o conhecimento humano, pois o historiador nada mais é que o guardião do conhecimento humano.

Em cada subtítulo, será apresentado um aspecto das batalhas ocorridas em dezembro de 1868, a “Dezembrada”, e, em cada aspecto, será apresentada a forma como cada Escola e linha de pensamento histórico trata da escrita da História. Será uma viagem em torno da Guerra do Paraguai comandada por várias tendências historiográficas, possibilitando assim o aprendizado sobre a Guerra do Paraguai, a “Dezembrada” e os percursos da historiografia mundial.

A escrita da História

A escrita da História é, por vezes, controversa e duvidosa, outras vezes, direta e objetiva, mas sempre deve ser esclarecedora, reflexiva e orientadora. Há diversas maneiras de escrever a História. Há diversas correntes dispostas a transmitir o conhecimento historiográfico para as gerações presentes e futuras. Há também uma infinidade de possibilidades de se compreender e apreender o saber histórico. No entanto, é razoável ter a plena certeza de que o historiador deve ser coerente com seus pressupostos e as necessidades da sociedade que o circunda.

Para se escrever a História, é necessário primeiro saber o que é História e para que serve. Para isso, é necessário compreender a História como sendo a ciência que estuda o ser humano no tempo, no espaço, no pensamento, nas ideias e em tudo o que liga o

passado com o presente e o futuro.¹ Assim é possível perceber a importância de se estudar e escrever a História.

Mas, para que serve a História? Essa é uma pergunta que inúmeras vezes não é respondida ou é mal respondida. A História serve para que o ser humano compreenda o passado para compreender o presente, mas, também, compreender o presente para compreender o passado.²

Para exemplificar a necessidade de se estudar a História, é importante ter como exemplo a Guerra do Paraguai. Para que estudar e conhecer sobre esse conflito, já que se passaram quase 150 anos de seu fim? De maneira geral, a resposta é que é de extrema importância compreender as limitações, as necessidades, os desafios encontrados durante a campanha no Paraguai, os obstáculos ultrapassados, além de valorizar e enaltecer os grandes nomes e as instituições que transformaram nossa sociedade.

Para melhor compreensão da importância da História e da forma como ela é escrita, faz-se necessário conhecer as diversas correntes historiográficas e cada um de seus modos peculiares de fazer e interpretar o conhecimento histórico.

Como escrever a História? Desde o século XIX, a História passou a figurar como uma ciência. Anteriormente era apresentada e ensinada somente como um conhecimento erudito e sem grandes importâncias para o ser humano.

Ao longo deste trabalho, serão apresentadas as evoluções e as diversas formas de escrever a História. A “Dezembrada” nada mais foi do que uma sequência de ba-

talhas em que as tropas aliadas venceram um inimigo em comum, o Paraguai, dentro do contexto da Guerra da Tríplice Aliança. Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura foram conflitos ocorridos no mês de dezembro no ano de 1868, que poderiam ter culminado com o fim da guerra. No entanto, alguns fatores não permitiram tal feito, e a guerra se estendeu até março de 1870. De forma dinâmica, interessante e reflexiva, os acontecimentos serão desvendados e decifrados sob o olhar atento do historiador e do leitor.

“Sigam-me os que forem brasileiros”³ – a História narrada

Até o século XIX, a História era vista como sendo composta apenas dos grandes acontecimentos ou de grandes nomes. Era uma escrita basicamente literária, sem a preocupação com a documentação a ser amparada ou a efetiva verdade dos fatos.⁴ Heródoto, pensador grego que viveu entre 484 e 420 a. C. (pai da História), compreendia a História como sendo um processo de investigação⁵ sobre os grandes acontecimentos de seus antepassados com o objetivo de agradar os ouvidos de seus leitores. Portanto, na antiguidade, os grandes pensadores escreviam de forma livre, sem a necessidade de comprovar os acontecimentos ou de escrevê-los sob qualquer formato predeterminado. Atualmente, muitos escritores, principalmente jornalistas, estão retomando esse modo de escrever a História.

A Dezembrada, sob o olhar dos antigos historiadores, seria escrita da seguinte forma.

As tropas já haviam saído de uma batalha extremamente exaustiva e perigosa. Muitos companheiros morreram. O cansaço estava no semblante de todos. Os governantes aliados sentiam-se pressionados pela opinião pública para adiantar o fim do conflito. Mas não havia previsão do término da guerra.

O grande comandante em chefe das tropas aliadas, marechal Caxias, estava em uma situação delicada. Era necessário tomar uma decisão que poderia pôr fim ao grande enfrentamento entre os aliados e o Paraguai.

Caxias observa o terreno, sua tropa, o efetivo da tropa inimiga, a localização do inimigo; tudo deve ser analisado para que haja a menor quantidade de baixas possível. Logo à sua frente o rio Paraguai corre forte e incessante. O inimigo encontra-se bem diante de seus olhos à distância de alguns poucos quilômetros.

O que fazer?

Um combate frontal levaria a uma infinidade de mortos e feridos, além de uma grande possibilidade de perder a batalha. Uma decisão difícil, mas que deveria ser tomada.

Francisco Solano Lopez encontrava-se sitiado em Lomas Valentinas, e Caxias, às margens do rio Paraguai, na cidade de Palmas. O reconhecimento do terreno entre os dois líderes era extremamente difícil, pois era um local pantanoso e com trincheiras que percorriam incríveis nove quilômetros de distância, fortemente guarnecidas por forças paraguaias.

A solução encontrada era atravessar o rio Paraguai, seguir para o Norte pela margem

esquerda do rio e retornar logo atrás das linhas inimigas. Era manobra que demandaria um esforço de logística e engenharia altamente complexo. Caxias se utilizou de seus navios para transportar milhares de soldados de uma margem a outra. Além disso, foi necessária a força de trabalho de mais de três mil pessoas para construir uma estrada de cerca de onze quilômetros, sendo que, em três quilômetros de muito charco, foram utilizados milhares de troncos de árvores como calçamento e pontes para atravessar os diversos riachos encontrados no caminho.

Há que se imaginar o esforço escomunal da tropa para construir tal estrada. Quase um mês depois da partida de Palmas, Caxias chegou à cidade de San Antônio. As embarcações já estavam à espera para transportar os milhares de soldados para a outra margem do rio Paraguai.

Ao desembarcar, a tropa marchou rumo a Lomas Valentinas, no entanto, muitos obstáculos os aguardavam no caminho. Após dois dias de marcha, eis que surge um arroio chamado Itororó. Caxias já havia enviado militares no dia anterior para efetuar um reconhecimento do local. Segundo informações, havia uma guarnição paraguaia à espreita protegendo a ponte sobre o rio, mas que não ofereceria grandes dificuldades para os aliados.

Caxias decidiu dividir a tropa de forma que uma parte executaria o ataque frontal, e outra parte, comandada pelo grande general Osório, atacaria pela retaguarda com seus cavaleiros.

Logo no alvorecer do dia, todos se preparam para o combate. Osório e seus cavaleiros

saíram em disparada para contornar o rio Itororó e surpreender o inimigo pela retaguarda, ao mesmo tempo em que Caxias, com a força principal, efetuaria o ataque frente a frente com os paraguaios.

Na verdade, nada aconteceu como previsto. As forças paraguaias eram maiores do que o esperado, Caxias iniciou o ataque antes que Osório chegasse à retaguarda do inimigo, o caminho percorrido por Osório era duas vezes maior que o planejado e a ponte que ligava as duas margens era muito pequena e insegura. Enfim, tudo se estava encaminhando para dar errado.

O combate em Itororó iniciou-se com as tropas brasileiras tentando atravessar a ponte. Não era possível passar mais que dois cavalos um ao lado do outro ou mais que seis pessoas a pé. Os soldados eram alvo fácil para a defesa paraguaia e seus poderosos canhões. Um a um, os soldados iam caindo mortos ou feridos diante dos olhos de seu comandante em chefe, Caxias. Enquanto isso, Osório ainda não havia chegado.

Aos poucos, diante daquele cenário de destruição e morte em que ambos os lados perdiam seus homens, a tropa brasileira começou a demonstrar sinais de fraqueza, medo e até mesmo covardia. Muitos soldados nem sequer se atreviam a atravessar a ponte, pois sabiam que possivelmente seriam atingidos pelo fogo inimigo. Caxias, indignado com a situação e percebendo que a tropa apenas refletia o medo que seus comandantes expressavam, decidiu seguir para a frente de batalha.

No alto de seus sessenta e três anos de idade, o poderoso comandante brasileiro

partiu rumo à ponte sobre o rio Itororó, montado em seu vigoroso cavalo, com sua espada desembainhada e seu olhar altivo, firme, corajoso, e cheio de força e vontade de vencer, e iniciou a travessia da ponte com seus oficiais logo à retaguarda. Toda a tropa, ao ver seu comandante em ordem de batalha e no mais alto exemplo de coragem e vigor, partiu para o ataque e acompanhou seu líder em um de seus maiores exemplos de amor à pátria.

Que exemplo de soldado. Diante de uma triste cena de covardia de seus militares, resolve descer da posição de estrategista para se lançar contra as posições inimigas como um soldado recém-chegado às fileiras do Exército. Grande soldado, grande exemplo, grande líder, grande patriota.

Enquanto o então marquês de Caxias segue morro abaixo rumo ao imprevisível destino de uma batalha corpo a corpo, com sua espada pronta para ser utilizada e seu cavalo galopando como nunca, e toda a tropa é inebriada com uma injeção de coragem aplicada por seu comandante, surge uma voz forte, alta e estrondosa como que um raio a cair sobre a terra: “sigam-me os que forem brasileiros”.

O grande líder Caxias brada esta célebre frase, que o tornou imortal e, de uma vez por todas, o maior soldado brasileiro.

Ao pisar firme na ponte com uma incrível velocidade, e sob a observação de todos, naquele momento magistral em que o líder toma as rédeas da batalha para decidi-la e vencer o conflito, de repente, o inesperado acontece.

Caxias tomba diante de seus homens.

No fragor da luta e no calor da batalha, a coragem e a vontade de vencer supera todos os males e, como que num lapso de tempo, Caxias ergue-se intocável e incólume e deixa seu cavalo para trás, atingido por um tiro do inimigo. A luta deve continuar, e, com a coragem e o moral restabelecidos, as tropas aliadas vencem a batalha de Itororó, e os paraguaios batem em retirada de forma desesperada e desorganizada.

Muitos soldados poderiam ter sobrevivido caso o general Osório tivesse chegado a tempo para combater.

Horas depois do fim do conflito, Osório chega sem entender por que Caxias iniciou a batalha sem que ele e sua tropa estivessem posicionados para o combate. Depois de muita discussão e desconfiança, tudo foi esclarecido, e se percebeu que na verdade ocorreu um erro de cálculo quanto à distância que contornaria o rio Itororó.

Após a batalha, não havia tempo para descanso, e a tropa seguiu em busca de Francisco Solano López, presidente e comandante das tropas paraguaias.

Ao receber a notícia da derrota guarani às margens do rio Itororó, López ordena que parte de sua tropa intercepte os aliados antes que cheguem a Lomas Valentinas.

Poucos dias após o conflito em Itororó, às margens do rio Avaí, Caxias reencontra uma impressionante força militar paraguaia pronta para o combate. Não há como se preparar. A luta é imediata e inevitável. As mortes serão certas e numerosas.

A chuva cai de forma torrencial, e Caxias observa mais uma vez a tibieza e o medo nos olhos de seus militares. O desânimo e a

tristeza ficam estampadas em seu rosto impassível diante da fraqueza moral de seus oficiais. Mas ele não podia deixar que tal sentimento contaminasse a todos. E mais uma vez, foi à frente de seus homens para dar o exemplo de soldado que tão bem sabia demonstrar.

A batalha em Avaí foi um erro crucial na estratégia de López, tendo em vista que não era um terreno militarmente importante e facilmente contornável por uma tropa numericamente maior.

Foi o que aconteceu. A luta começou. A infantaria aliada partiu para o ataque, no entanto, uma infinidade de militares recuaram amedrontados com a possibilidade de morrer. Foi então que entrou em cena a cavalaria brasileira, com Osório à frente de seu contingente. Osório foi gravemente ferido no maxilar, mas a cavalaria rompeu em galopes fulgurantes e enfurecidos para dizimar as forças paraguaias. O impacto da cavalaria foi como que uma assombrosa avalanche sobre os guaranis. Foi de tal magnitude que, dos milhares que lutaram, apenas algumas dezenas fugiram desorientados diante de tal arraso nas tropas inimigas.

Mais uma vez, os aliados sagraram-se vitoriosos. Mais uma vez, os inimigos partiram desbaratados diante da força dos soldados de Caxias. Não graças à coragem dos militares, mas graças à intrepidez e ao incansável espírito de liderança, patriotismo e vontade de vencer de Caxias.

Finalizada a batalha, Caxias reorganiza sua tropa e parte para a cidade de Villeta — objetivo intermediário para repor as forças dos militares e todo o suprimento necessário para a retomada da marcha.

Após repor as energias e recompor a tropa, Caxias seguiu de Villeta direto para Lomas Valentinas. Entretanto, esbarrou diante de uma trincheira inimiga em plena colina de Itá-Ivaté. O combate foi árduo, as condições climáticas eram as piores possíveis, os soldados cansados e desmotivados lutaram com muita resistência. E o grande marquês de Caxias precisou ficar por horas à frente da tropa para que não houvesse uma debandada. E, mesmo diante de tanto esforço, as tropas brasileiras tiveram de recuar diante da enormidade da chuva e dos trovões que despencavam sem cessar sobre todos, impossibilitando a continuação dos ataques. Dias depois, e mesmo diante de tantas intempéries, milhares de soldados paraguaios morreram, e o caminho estava livre para chegar à fortaleza de López.

Diante da fortaleza de Solano López em Lomas Valentinas, houve três frentes de batalha. A principal, que vinha direto das trincheiras de Itá-Ivaté, outra, que foi combater em Angostura e uma terceira, que havia partido de Palmas, vencido em Piquissiri e estava a caminho de Lomas para engrossar as linhas aliadas.

Caxias e o general argentino Gelly y Obes, que viera de Palmas, tentaram vencer López de que o melhor a fazer seria que o Paraguai se rendesse e acabasse de vez com a guerra. O general paraguaio não se intimidou e sustentou a posição com firmeza e insensatez, pois as forças aliadas eram muito maiores em relação ao que restou do Exército guarani.

O massacre foi inevitável. As tropas paraguaias lutaram bravamente e caíram diante

da inquestionável superioridade das forças aliadas. Não havia mais a possibilidade de Solano vencer a guerra, mas sua postura irredutível simplesmente levou seu exército a completo extermínio. Só faltava a captura do ditador e general Francisco Solano López, e então a guerra finalmente terminaria.

Após várias horas de muita luta, os aliados vencem a batalha, mas, como que em um passe de mágica, Solano López consegue misteriosamente fugir de Lomas Valentinas. Ele e sua família partiram deixando tudo para trás. Os saques à fortaleza foram inevitáveis, e a violência contra os prisioneiros foi arrebatadora. As mulheres foram violentadas, e os homens, torturados ou executados. Foi grande o massacre.

Por fim, Angostura caiu em 30 de dezembro de 1868.

Com a fuga de López, as tropas aliadas rumaram até Assunção, a grande capital paraguaia, que foi ocupada em 1º de janeiro de 1869.

Os aliados saíram vencedores nas batalhas de dezembro de 1868, mas ainda havia muito o que fazer até a derrota final de Solano López. A guerra se transformou em guerrilha, numa busca implacável ao presidente paraguaio em plena Cordilheira.

A História foi escrita de forma leve, emocional, literária e sem a preocupação de se provar se o que estava escrito foi o que realmente aconteceu. Um formato de História que se liga pouco ou quase nada ao presente ou a uma reflexão quanto ao futuro. Por isso, no século XIX, surge uma História preocupada com a forma e a documentação.

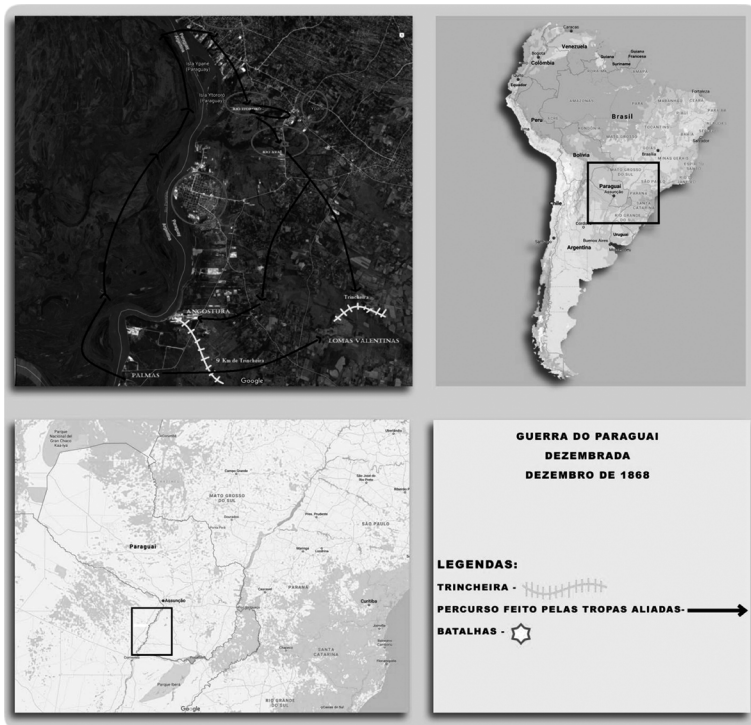
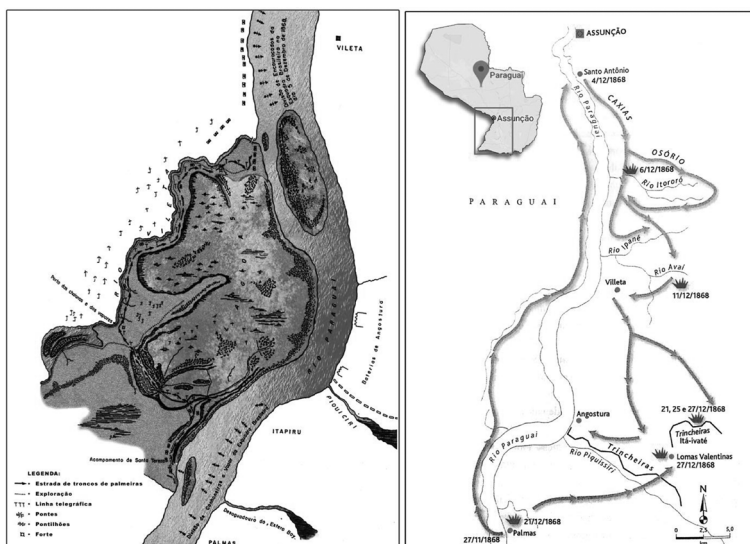


Figura 1 – Mapa da localidade onde ocorreu a Dezembrada
 Fonte: composição organizada por este autor com base na bibliografia referenciada e em imagens de Google Maps®
 Formatação: Jorge Orro

Figura 2 – Caminho percorrido pelas tropas brasileiras durante a Dezembrada
 Fonte: imagem adaptada por este autor com base na obra (DORATIOTO, 2017 p. 230)
 Formatação: Jorge Orro



A Dezembroada – positivistas e metódicos

Com o advento do século XIX, a História elevou-se ao status de ciência, com a chamada História Positivista, fundada na Universidade de Berlim por volta de 1811 e 1812.⁶ Seu objetivo era apresentar uma História estritamente descritiva, utilizando-se de crítica textual com base em investigação quanto à veracidade da documentação. Era veemente contra a tradição literária da História originária de Heródoto.⁷

Já a Escola Metódica, que, com muita frequência, é confundida com a História Positivista, surgiu na França logo após a sua derrota na Guerra Franco-Prussiana em 1870. Uma coincidência com o fim da Guerra do Paraguai ocorrida no mesmo ano. Tal conflito abalou as estruturas da sociedade francesa. A linha de pensamento metódica baseou-se principalmente na estrutura histórica alemã, por isso a confusão entre as linhas históricas. Seus principais objetivos são: uma História voltada para o orgulho francês, uma investigação objetiva sem qualquer espécie de pensamento filosófico, literário ou teológico⁸ e uma História narrativa e descritiva de grandes batalhas ou personagens ilustres. Este pensamento historiográfico foi hegemônico até a década de 60 do século XX.

Em linhas gerais, a Escola Metódica segue os seguintes princípios: apagamento e imparcialidade do historiador; análise do conteúdo (o que o autor quis dizer?); síntese do assunto pesquisado; comparação entre vários documentos; recorte metodológico e interpretação do conteúdo (apenas considerações gerais sobre o conteúdo).

A História escrita à luz dos positivistas e metódicos seria assim.

As batalhas de Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Angostura e Piquissirí estão inseridas no contexto da Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança — conflito armado entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, cuja duração se estendeu entre os anos de 1864 a 1870. Essas batalhas ocorreram em dezembro de 1868, por isso o nome “Dezembrada”, terminologia atribuída tendo em vista o mês em que as batalhas foram travadas.

Após inúmeras batalhas entre os aliados e a República Guarani, o conflito se encaminhou para seus momentos decisivos. As tropas paraguaias se instalaram nas fortificações de Lomas Valentinas, Angostura e arredores, onde se encontravam cerca de dezoito mil militares.

As tropas aliadas se dividiram na cidade de Palmas para efetuar um cerco aos paraguaios. Dos 31 mil soldados, 25 mil eram brasileiros, 5 mil argentinos e mil uruguaios.⁹ Os demais atravessaram o rio Paraguai e contornaram o Chaco até a cidade de San Antônio. O terreno era pantanoso e de difícil acesso. Foi construída uma estrada de 11 quilômetros, sendo que três deles foram cobertos por mais de seis mil palmeiras e cinco pontes sobre pequenos rios, em 23 dias de trabalho com uma força de mais de 3.000 pessoas.¹⁰

Em 4 de dezembro de 1868, ao chegar às margens do rio Paraguai em frente à cidade de San Antônio, a esquadra brasileira transportou 23 mil soldados de volta para a margem em que se encontravam os combatentes paraguaios. Daí em diante, foram dois dias de caminhada até um arroio chamado Itororó. Em 6 de dezembro de 1868, 12 mil brasileiros travaram combate contra os cinco mil paraguaios que estavam à espreita

na outra margem do rio Itororó. Parte da tropa brasileira, cerca de cinco mil homens, contornou o rio para atacar pela retaguarda. Os cálculos eram que a volta seria de 10 quilômetros, mas descobriu-se que passava de 20 quilômetros, não permitindo que os combatentes chegassem a tempo para a batalha, chegando cerca de 30 minutos após o final.

A margem do rio media pouco mais de três metros de largura por quatro de profundidade, e, na ponte que ligava as duas margens, mal cabiam seis homens lado a lado. A batalha teve início às 8h da manhã, com cinco horas de duração. Ao final, os brasileiros ocuparam as duas margens, e os paraguaios recuaram para se reagrupar. Foram 600 mortos e 600 feridos do lado paraguaio, e 1.806 perdas entre mortos e feridos do lado brasileiro.¹¹ Parte da tropa permaneceu em Itororó para proteger o local e impedir que novos atacantes passassem, enquanto o restante seguiu em frente.

Após cinco dias de marcha, em 11 de dezembro de 1868, os paraguaios, sob a ordem de Solano López, ocuparam as imediações do rio Avaí para emboscar as tropas brasileiras que seguiam rumo a Lomas Valentinas. Em um terreno pouco ondulado e debaixo de forte chuva, cinco mil paraguaios travaram uma luta de cinco horas de duração. Ao final, menos de 200 soldados paraguaios conseguiram fugir, e, do lado brasileiro, cerca de dois mil entre mortos e feridos, e 1.200 pessoas foram presas pelas tropas aliadas.

Com o fim da batalha em Avaí, as tropas brasileiras ocuparam a cidade de Villeta e reorganizaram seus efetivos e suprimentos. No dia 21 de dezembro de 1868, próximo da fortaleza de Francisco Solano López, em Lomas

Valentinas, as tropas brasileiras depararam com cerca de 9.000 paraguaios nas colinas de Itá-Ivaté. Em Angostura, López possuía aproximadamente 600 homens, e em Piquisirí, mais ou menos três mil. As tropas aliadas contavam com quase 20 mil soldados. No combate em Itá-Ivaté, foram mais de 8.000 perdas paraguaias, sob um forte temporal que forçou as tropas brasileiras a recuar.

Caxias decidiu permanecer à retaguarda para recompor suas tropas, enquanto López também recebeu reforços vindos de outras localidades do Paraguai. Em 27 de dezembro de 1868, uma força de 24 mil soldados da tropa aliada estava pronta para combater a fortificação em Lomas Valentinas. Soldados brasileiros, argentinos que haviam conquistado as trincheiras em Piquisirí e uruguaios destruíram as tropas paraguaias. No entanto, Solano López conseguiu escapar pelo potreiro de Marmol, um caminho que levava diretamente para as cordilheiras. Em 30 de dezembro, caiu também Angostura com cerca de 1.300 homens aprisionados.

O resultado das batalhas chamadas de dezembroada: perda de 20 mil soldados paraguaios; e mais de 11 mil soldados das tropas aliadas, sendo que 2.099 brasileiros foram mortos e cerca de 8.000 mil feridos; os argentinos tiveram 99 mortos e quase 500 feridos.¹²

Esse é um tipo de História descritivo-narrativa, uma escrita objetiva, sem qualquer lirismo ou fundamentos teológicos ou filosóficos. Possui um aspecto árido em que somente o documento escrito é tido como sendo uma fonte histórica válida. É carregado de dados numéricos para se provar a veracidade dos fatos, além das datas que marcam os acontecimentos. Tudo deve ser escrito de forma que

não fique nada sem uma comprovação, de uma documentação verdadeira do ponto de vista acadêmico ou governamental. Ou seja, documentos disponibilizados pelo Estado ou que a academia validou. Além de tudo, há a total impessoalidade do historiador, dentro da medida do possível.

Ainda é uma forma de escrever a História muito comum nos dias de hoje, tendo em vista que as universidades cobram muitos aspectos da linguagem metódica. Exemplo disso é a obrigatoriedade de apresentar citações de autoridades no assunto. A História Positivista e a Escola Metódica foram de grande importância para a historiografia mundial, pois elevaram a História à posição de ciência, além de utilizarem uma escrita mais metodológica e preocupada com a veracidade dos fatos.

O fatídico dezembro – o lado marxista da História

Ao contrário da História Positivista e da Escola Metódica, o pensamento marxista apresenta uma escrita carregada de uma ideologia política. É uma escrita marcada por um ideal revolucionário e de luta de classes. É basicamente contrária à política expansionista e hegemônica de países capitalistas, como a Inglaterra do século XIX e os Estados Unidos da América do século XX e XXI, além de qualquer potência que queira se impor sobre outro país.

Esta linha de pensamento não é especificamente histórica, mas muitos historiadores se utilizam desta metodologia para escrever a História. Criada por Karl Marx (1818-1883), filósofo alemão que ficou famoso por suas diversas obras, entre elas O capital e o Manifesto comunista, apresentou ao mundo um modo

de pensar a humanidade completamente diferente daquilo que até então havia existido. Para ele, tudo acontece com base em leis econômicas, e a luta de classes é que move a humanidade, em que sempre haverá uma classe explorada e uma exploradora.¹³

Desde a década de 60 do século XX, muitos pensadores brasileiros utilizaram-se e utilizam até hoje esse modo de pensar a História. Gerações inteiras estudaram em cartilhas e livros didáticos com um viés marxista. Muitos foram formados sob o olhar marxista da História, embora poucos saibam deste fato.

A História sob a ótica marxista deve ter como foco as forças produtivas (fontes de energia que movem o mundo), o materialismo histórico (o econômico se impor sobre o social), a luta de classes (explorado X explorador), entre outros.

O Paraguai, como uma potência em plena ascensão, com uma política autônoma e sem as amarras da maior potência imperialista do mundo no século XIX, a Inglaterra, busca um crescimento em benefício de sua população. O presidente Francisco Solano López, grande estadista, visionário e extraordinário comandante militar, sempre lutou com todas as forças para manter seu país livre das garras imperialistas inglesas e brasileiras. No entanto, após forte influência britânica sobre os países sul-americanos, com o objetivo de destruir a grande potência em ascensão, formou-se a chamada Tríplice Aliança. Brasil, Argentina e Uruguai se juntaram para dizimar o Paraguai sob o pretexto de invasão paraguaia em territórios argentinos e brasileiros.

Mais uma vez, o poder econômico¹⁴ se sobrepôs ao social. Os britânicos, os grandes

exploradores do mundo, injetaram bastantes recursos para bancar uma guerra em que o único beneficiado seriam eles mesmos. Ao final da guerra, todos os países envolvidos saíram com dívidas incalculáveis, além das grandes perdas humanas.

O mais afetado foi o Paraguai, cuja população sofreu pesadas baixas. Dos 800 mil habitantes antes da guerra, sobraram apenas 194 mil ao final do conflito, sendo que apenas 14 mil eram homens.¹⁵

O Paraguai foi completamente destruído. Ocorreu um verdadeiro genocídio. De uma nação democrática, ascendente, autônoma e próspera para um país devastado por uma guerra inútil e sem sentido. As potências capitalistas novamente conquistaram seus objetivos. Eliminaram um conconrente de peso que surgia em meio ao rio da Prata.

Entretanto, a maior perda ocorrida no Paraguai foi a de seu maior e mais democrático e próspero líder. Francisco Solano López, o governante que transformaria o país em uma das maiores potências mundiais sem que se precisasse dos préstimos interesseiros das potências hegemônicas.

Foi o fim de uma era. Foi o fim de uma política em que o proletariado dominaria todas as forças produtivas em favor do povo. O fim de uma política em que os explorados seriam exaltados. No entanto, só a morte e a destruição restaram ao Paraguai.

Esse tipo de declaração foi amplamente discutido e rebatido no livro de Francisco Doratioto, *Maldita guerra*, em que ele rechaça toda e qualquer possibilidade de o Paraguai ser uma potência econômica em ascensão, de o presidente Francisco Solano López ser um líder democrático¹⁶ e de a Inglaterra ter

interferido nas causas da guerra. Segundo Doratioto, o verdadeiro agressor foi o próprio Paraguai, com uma política expansionista contra territórios brasileiros e argentinos. Além disso, critica a atuação de historiadores revisionistas que buscam uma História populista em que se exalta Solano López herói e os exércitos aliados como sendo os agressores covardes.¹⁷ Clara crítica aos pensadores marxistas influentes de seu tempo.

Quanto aos números da guerra, há que se fazer um controponto em relação à porcentagem de mortos e a população paraguaia. No período da Guerra, segundo Marco Antônio Cunha, a população paraguaia era em torno de 300 a 400 mil pessoas, com um Exército de 28 a 57 mil militares.¹⁸ E a quantidade de mortos e feridos, segundo Doratioto, poderia ter chegado entre 24 a 60 mil mortos.¹⁹ Não há um número exato para esses dados.

Essa divergência entre pensadores é muito salutar e enriquecedora, tendo em vista as diversas possibilidades de se escrever a História. No entanto, deve-se sempre se valer do compromisso com a verdade dos fatos.

A Guerra do Paraguai – os *Annales*

Como contraponto ao marxismo emergente e aos metódicos hegemônicos à época, surgiu, na França em 1929, a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, sobre a qual se formou a Escola dos *Annales*. Sua proposta é uma História pluridisciplinar, em que o historiador deve pensar o todo, desde os aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, geográficos etc.

Sua principal contraposição à Escola Metódica está em relação à documentação,

visto que, para os metódicos, somente eram válidos documentos escritos e, para os annales, eram aceitos os mais variados formatos documentais, desde os escritos até vestígios arqueológicos, obras de arte e tudo o que pode ligar o passado com o presente. Mas sempre tomando como parâmetro informações tidas como “verdadeiras”. Além disso, a forma de escrita se tornou mais livre e menos descritiva.

O escrever História segundo a Escola dos Annales deve seguir os seguintes princípios: apresentar uma História de longa duração (a geografia, o clima, a vegetação); escrever sobre a formação social, política e econômica da sociedade ou comunidade em questão; e, por fim, uma História de curta duração (o indivíduo, o acontecimento, o evento).

Quem era o Paraguai, aquele que iniciou a Guerra da Tríplice Aliança?

O Paraguai possui um terreno pantanoso a oeste do rio Paraguai chamado Chaco, local de vegetação muito pobre, e a leste é a área mais produtiva e fértil do país. A extensão territorial do Paraguai antes da guerra era incerta e discutível com todos os seus vizinhos. Não havia uma delimitação precisa e definitiva, um dos motivos do conflito com a Tríplice Aliança.²⁰ As principais cidades paraguaias à época não passavam de aldeias e vilarejos, tendo em vista a pobreza e a quantidade ínfima de habitantes.

O ensino no Paraguai era deficitário e carente de aprofundamento. Todos os paraguaios eram obrigados a ler e a escrever. No entanto, a instrução secundária era mínima, e o ensino superior, quase nulo.²¹

O comércio era livre, mas o governo (na pessoa do presidente) possuía mais da

metade das terras e era o maior dos comerciantes, além de controlar todo o mercado interno e os preços de todos os produtos. A liberdade de comércio era extremamente limitada. A agricultura era rudimentar e mal servia para a subsistência. Os principais produtos de exportação eram o chá e a erva, além de outros diversos produtos primários. O governo comprava dos particulares com o preço que lhe conviesse e negociava com os países interessados com valores muito acima.

Quanto à literatura, os poucos livros permitidos a entrar no país eram aqueles que contavam a vida de santos (tendo em vista que o país era majoritariamente católico) e alguns livros de viagens autorizados pelo governo.²²

O Paraguai foi efetivamente ocupado pelos espanhóis em 1528, sendo colônia da Espanha até 1776, ano em que foi elevado ao status de Vice-Reino do Rio da Prata (esse vice-reino abrangia os territórios do que hoje é conhecido como o Paraguai, Argentina, Uruguai e a Bolívia, cuja capital era Buenos Aires). Em 1811, essa região tornou-se independente e logo tiveram início os conflitos por território e autonomia política. A Confederação da Argentina tinha pretensões de abranger todo o território que um dia foi o Vice-Reino do Rio da Prata. No entanto, desde 1811, o Paraguai já se sentia independente, mas, somente em 1842, foi formalmente proclamado independente.²³

Como República, o Paraguai possuiu três presidentes: doutor José Gaspar Rodrigues de Francia, de 1811 a 1845; após sua morte, assumiu o poder Antônio Carlos López, até 1862, quando substituiu seu pai e assumiu o governo Francisco Solano López, aquele que iria deflagrar a maior guerra já

ocorrida em território sul-americano de todos os tempos, a Guerra do Paraguai.

A Guerra do Paraguai durou de dezembro de 1864 até março de 1870. Seu estopim foi a invasão do Paraguai a terras brasileiras e argentinas, respectivamente a região de Mato Grosso e Rio Grande do Sul no Brasil e Corrientes na Argentina.

As tropas paraguaias invadiram o forte Coimbra na província brasileira de Mato Grosso no dia 28 de dezembro de 1864. Depois seguiu para as cidades de Miranda, Nioaque, Dourados, Corumbá, chegando ao ponto máximo da invasão em 24 de abril de 1865 na cidade de Coxim.²⁴

Em terras argentinas, Solano López solicitou passagem com o objetivo de atacar a província brasileira do Rio Grande do Sul. Com a negativa do governo argentino, López declarou guerra à Argentina e não hesitou em invadir a província de Corrientes em 13 de abril de 1865.

A partir de então, foi declarada Guerra ao Paraguai. Em 1º de maio de 1865, Brasil, Argentina e Uruguai assinaram o Tratado da Tríplice Aliança, em Buenos Aires, contra um inimigo em comum, o Paraguai, de Francisco Solano López.

A ofensiva paraguaiá não parou por aí. São Borja, única cidade brasileira que fazia fronteira terrestre com o Paraguai, foi ocupada pelas forças de López sem grandes dificuldades em 10 de junho de 1865, permitindo chegar até a cidade brasileira de Uruguaiana no dia 5 de agosto do mesmo ano.

Somente em 18 de agosto de 1865 é que as tropas aliadas conseguiram derrotar os paraguaios em Uruguaiana. Na ocasião, o imperador do Brasil, D. Pedro II, e os presi-

dentos do Uruguai e da Argentina, respectivamente Venâncio Flôres e Bartolomé Mitre, estavam presentes para ver a rendição paraguaiá. Esse foi o início da retração paraguaiá, pois, em 31 de outubro de 1865, as tropas paraguaias retiraram-se de Corrientes.

As tropas aliadas invadiram o Paraguai em 16 de abril de 1866 com o objetivo de destruir a fortaleza de Humaitá às margens do rio Paraguai. Esta fortificação era um dos pontos mais protegidos das forças paraguaias e que impediam que a esquadra imperial chegasse até a capital paraguaiá, Assunção.

Em 12 de setembro de 1866, Solano López tentou um acordo de paz com o presidente da Argentina, mas não houve acordo. Dez dias depois, os aliados tiveram sua maior derrota na guerra ao tentar invadir a fortaleza de Curupaiti. Foi o suficiente para o governo brasileiro nomear o então marquês de Caxias para ser o comandante em chefe de todas as forças brasileiras, no dia 10 de outubro de 1866.

Em Tuiuti, Caxias implementou mudanças radicais no Exército e transformou, de uma vez por todas, o destino do combate. Melhorou toda a logística de suprimento e os mais diversos utensílios para manter o moral da tropa sempre elevado; melhorou a alimentação de todos os militares;²⁵ reestabeleceu a disciplina; centralizou os procedimentos de comando; regulamentou todo o funcionamento das questões sanitárias e hospitalares da tropa; e, principalmente, proporcionou um treinamento adequado a toda a tropa. A paralisação necessária para implementar as melhorias no Exército durou quase um ano.

Entre abril e setembro de 1867, as tropas brasileiras e paraguaias se enfrentaram

em diversas batalhas, depois denominadas como a Retirada da Laguna. Foram inúmeras baixas, principalmente por causa de uma doença chamada cólera.²⁶

Após a reorganização das tropas implementada por Caxias, inicia-se uma investida à fortaleza de Humaitá. Em 3 de março de 1868, Solano López abandonou Humaitá, deixando aproximadamente três mil homens. Caxias ordenou que Osório atacasse Humaitá com sua tropa. Os brasileiros sofreram grandes baixas, mas logo depois López ordenou que todos os soldados paraguaios evacuassem a fortaleza. Em 25 de julho de 1868, os aliados assumiram Humaitá.

Caxias surpreendeu a todos com uma carta ao ministro da Guerra em que solicitou o fim da guerra. Segundo ele, as injúrias contra os brasileiros já haviam sido vingadas.²⁷ Entretanto, D. Pedro II negou a solicitação e ordenou a continuação da guerra até que Solano López fosse capturado ou expulso do país, conforme constava no Tratado da Tríplice Aliança.

Com a continuação da guerra, Caxias seguiu rumo a Lomas Valentinas, local em que Solano López se encontrava. Seguiu pela margem oposta do rio Paraguai e surpreendeu López com um ataque à retaguarda. Em três batalhas, as forças aliadas destruíram o exército paraguaio: Itororó, a 6 de dezembro de 1868, Avaí, em 11 de dezembro e Lomas Valentinas, em 21 e 27 de dezembro de 1868. Tais batalhas ficaram conhecidas como a “Dezembrada”. De maneira inexplicável, López conseguiu fugir de Lomas Valentinas e se esconder nas cordilheiras.

Os aliados ocuparam Assunção, Caxias deu a guerra por terminada e retirou-se do

comando das tropas brasileiras. Conde d’Eu assumiu e concluiu a guerra com uma busca implacável, que resultou na morte de Solano López, em 1º de maio de 1870.

Foi o fim da guerra do Paraguai.

Luiz Alves de Lima e Silva, o então marquês de Caxias, ao desembarcar na cidade do Rio de Janeiro foi recebido como um anônimo. Ninguém o aguardava. O comandante de todas as tropas aliadas, aquele que revolucionou e tomou novos rumos à guerra e que efetivamente derrotou Solano López foi subitamente esquecido por seus concidadãos. Esse é o preço da luta e da defesa da pátria. No entanto, em 23 de março de 1869, por decreto do imperador D. Pedro II, Caxias se tornou o duque de Caxias; único na História do Império brasileiro a receber tal título. E, em 25 de junho de 1875, duque de Caxias foi nomeado o presidente do Conselho de Ministros do Império, o segundo na hierarquia, abaixo somente do imperador.

Conforme se pode observar, segundo a Escola dos Annales, a escrita é feita através de uma História de longa duração, apresentando todos os aspectos gerais do assunto (no caso em questão, todas as características geográficas, sociais, econômicas, políticas e culturais do Paraguai da época foram contempladas), para depois, propositalmente, pormenorizar todos os acontecimentos da Guerra do Paraguai e, por fim, particularizar a figura de seu comandante máximo, o duque de Caxias. Nem sempre é uma leitura fácil e agradável, mas, de certa maneira, é uma forma completa de se escrever a História. Entretanto, a “História Nova”, evolução da Escola dos Annales, veio trazer novo ânimo e novas perspectivas para a escrita da História.

A fuga de Francisco Solano López – a História nova

Como uma evolução ao pensamento da Escola dos Annales, surgiu em 1978, na França, a História Nova. Não é uma ruptura, mas apenas uma nova geração de pensadores. A forma como se escreve a História permaneceu a mesma. A diferença crucial para as gerações anteriores dos Annales é o fato de se ter ampliado o campo de análise historiográfico para muito além de tudo o que se havia imaginado como História até então. A morte, o medo, a doença, o sexo, a loucura, além do retorno aos grandes acontecimentos, de eventos e biografias (não aos moldes dos metódicos ou dos pensadores antigos), tudo se pode transformar em História. Tudo é História.²⁸

No calor do combate em Lomas Valentinas, após a transposição pelas tropas brasileiras sobre o Chaco, a travessia do rio Paraguai e as batalhas sobre o rio Itororó e Avaí, que marcaram aquele dezembro de 1868, Francisco Solano López conseguiu escapar de sua fortaleza completamente cercada pelas tropas aliadas. Não havia como fugir.

O que aconteceu?

Antes da batalha em Lomas Valentinas, o general argentino Gelly y Obes, verificando que havia um trecho pouco guarnecido e que mereceria uma atenção maior por parte de Caxias, tendo em vista que por ali facilmente López poderia fugir, resolveu solicitar a Caxias que guarnecesse com mais homens naquele ponto, o potreiro de Marmol, um caminho estratégico que levava até as cordilheiras.²⁹

Naquele momento, Caxias aceitou a sugestão mas preferiu uma tropa exclusivamente brasileira e deixou os argentinos em

Angostura para bloquear a posição inimiga. No entanto, logo depois ordenou novamente a retirada da tropa do potreiro de Marmol e deixou apenas uma guarnição como segurança. No dia 27 de dezembro, antes de iniciar o combate, Caxias convocou as tropas que guarneciam o potreiro e o deixou completamente livre. E, no mesmo dia 27 de dezembro, López consegue fugir em meio a batalha que ele certamente sabia que iria perder. Fugiu ele, sua família e seu estado-maior. Ficou apenas uma infinidade de cadáveres paraguaios espalhados por toda a parte. O que sobrou do Exército Paraguai foi completamente dizimado naquela ocasião.

Gelly y Obes, ao saber que o potreiro havia ficado desguarnecido e que Solano López fugira justamente por lá, ficou completamente enfurecido com a decisão de Caxias. No entanto, nada mais poderia fazer a não ser continuar a perseguição ao ditador.

Caxias permitiu a fuga de Solano?

Há diversas hipóteses para a fuga do ditador paraguaio.

Muitos militares que participaram do evento relataram que Caxias havia tido uma conferência com López no dia anterior ao ataque. O teor da conversa varia de acordo com cada um dos relatos encontrados. Há a hipótese de uma troca entre um major brasileiro chamado Cunha Matos, preso em um dos ataques paraguaios a Tuiuti. Há também a versão de que Caxias acordara o fim da guerra em troca da fuga de López.

Há uma versão muito aceita também que Solano López, por meio de um diplomata norte-americano, MacMahon, teria negociado sua fuga em troca de sua saída do Paraguai. Ao final, o diplomata não cumpriu sua palavra e

López fugiu sem que ninguém o incomodasse. Tempos depois, o próprio diplomata, ao falar sobre o assunto, não confirmou que Caxias havia efetivamente concordado com o acordo.

Há algumas explicações fundamentadas no estado físico e psicológico do comandante das forças aliadas. É possível que o estado psicológico de Caxias não estivesse em suas melhores condições, tendo em vista o prolongamento da guerra e um sem número de batalhas ocorridas quase sem cessar naquele mês de dezembro de 1868. Além disso, há que se considerar a idade e as condições de saúde do comandante; Caxias já estava com 65 anos de idade, e a guerra impôs uma série de limitações sanitárias e alimentares. Para um jovem já é sacrificante, para um senhor sexagenário é ainda mais difícil o dia a dia na guerra. Portanto, há que se considerar as condicionantes físicas e psicológicas no momento do combate.

A notícia da fuga do ditador se espalhou rápido e causou grande desconforto na tropa. Todos esperavam a captura de Solano. Os relatos sobre o acordo ou a fuga são diversos e cada um à sua maneira.

Mas o que falou Caxias sobre o episódio?

Em discurso no Senado Federal do Império, no dia 15 de julho de 1870, Duque de Caxias esclareceu como tudo aconteceu.

Segundo Caxias, era praticamente impossível descobrir por onde López poderia fugir, visto que o campo de batalha compreendia uma área de 20 quilômetros. Solano fugiu com pouco mais de 60 pessoas; era um número muito pequeno para um contingente em combate de milhares de homens, todos sob tensão e preocupados com sucesso na luta e com a própria vida. O terreno era desconhecido das tropas aliadas, mas os paraguaios

havam construído a fortificação e conheciam muito bem suas terras.³⁰

Não era de se imaginar que López já havia planejado uma possível fuga. No momento do combate, as decisões são difíceis, conturbadas e parciais. Após a luta é fácil dizer que poderia ter feito de uma forma ou de outra. O fato é que Caxias não confirmou qualquer acordo e que a fuga de López faz parte dos óbices de uma guerra.

No entanto há que se relatar que, por conta dessa fuga, a guerra durou mais 15 meses e milhares de vidas perdidas. Óbices da guerra.

Com o fim da batalha em Lomas Valentinas, a rendição das forças paraguaias em Anjostrura e a fuga de Solano López, as tropas aliadas marcharam rumo à ocupação da capital paraguaia, Assunção. De lá, Caxias emitiu a ordem do dia nº 272, de 14 de janeiro de 1869, em que declarou o fim da guerra.³¹ Entretanto, o fim da guerra efetivamente ocorreu somente em março de 1870.

Aqui foi detalhado um pequeno aspecto do conhecido evento chamado “Dezembrada”. Segundo a corrente historiográfica “História Nova”, os eventos e acontecimentos históricos podem ser escritos, mas sob outra roupagem. Além disso, é de se observar o caráter psicológico das decisões, as interferências ocorridas por relatos de ex-combatentes e o foco na fuga do ditador, ao contrário de se analisar a batalha em si. Essa é a proposta da História Nova: abranger novas formas de escrever a História.

Os números da guerra

A Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança teve seu início em 28 de

dezembro de 1864, quando da tomada do forte Coimbra por forças paraguaias, e seu fim se deu no dia 1º de março de 1870, dia em que Francisco Solano López foi morto em Cerro Corá.

A Tríplice Aliança sagrou-se vencedora na batalha, mas os gastos foram inquestionavelmente grandes. O Brasil contraiu muitas dívidas para manter as contas da guerra. Só de empréstimos internacionais, somaram-se 49 mil contos de réis. Os custos totais em cinco anos de conflito chegaram a 614 mil contos de réis. Só para se ter uma ideia dos números, o orçamento anual do Império, antes do início da guerra, foi de 57 mil contos de réis. Isso custou aos cofres públicos brasileiros cerca de 20 anos de déficit.

Ao Paraguai, restou uma dívida a ser paga ao Império, de 460.718 contos de réis.³² A dívida foi perdoada pelo Brasil e Argentina somente no ano de 1940, no Governo de Getúlio Vargas. O Brasil só não perdoou antes, pois temia uma possível invasão argentina ao Paraguai. Sempre foi uma pretensão da Confederação Argentina o fato de anexar o Paraguai a suas terras. No entanto, o Brasil sempre deixou claro que, se por acaso a Argentina incorporasse o Paraguai a seus domínios, obrigatoriamente deveria pagar toda a dívida de guerra imposta ao país derrotado.

Quanto à Argentina, sua economia foi muito beneficiada com a guerra. A atividade pecuária foi uma das que mais lucrou, pois fornecia carne, couro e cavalos para todas as tropas aliadas. Além de pesadas cargas tributárias impostas ao Governo brasileiro, os argentinos ainda ganharam fornecendo trigo e milho.³³

As fronteiras também foram consideravelmente modificadas. O Paraguai sofreu as

penas pela derrota e perdeu território para o Brasil e para a Argentina. As perdas só não foram maiores porque o Brasil interferiu nas negociações entre Argentina e Paraguai. Não que o Império quisesse proteger os interesses paraguaios, mas unicamente porque temia que a Argentina tivesse uma fronteira maior com o Brasil, sendo o Paraguai um entreposto entre as duas nações.

De 1869 a 1876, o Brasil permaneceu com suas tropas em Assunção, em apoio ao Governo Provisório instalado no Paraguai. Neste período, o Brasil manteve uma força de pacificação até que o Paraguai pudesse exercer sua soberania com segurança. No ano de 1876, as forças brasileiras, com um efetivo de 1.894 pessoas, se retiraram definitivamente do Paraguai. No entanto, permaneceram próximas à fronteira para o caso de qualquer emergência no país vizinho.

Duque de Caxias – o nome da guerra

Quem foi duque de Caxias?

Luiz Alves de Lima e Silva nasceu em 25 de agosto de 1803 (atualmente, em 25 de agosto, é comemorado o Dia do Soldado no Brasil, em homenagem ao dia do aniversário do patrono do Exército Brasileiro, duque de Caxias). Já aos cinco anos de idade, juntou-se às fileiras do Exército; era costume crianças serem educadas também nos ambientes da caserna.³⁴ Seu pai, o marechal de campo Francisco de Lima e Silva, foi também um dos regentes no período da Regência brasileira, entre os impérios de D. Pedro I e D. Pedro II.

Antes de combater em terras paraguaias, já havia participado de muitos outros conflitos internos e externos ao Brasil. Participou

ativamente da Guerra da Cisplatina, de 1825 a 1828; da revolta da Balaiada, em 1837, no Maranhão; nas Revoltas Liberais de 1842; na Revolução Farroupilha, que durou 10 anos, de 1835 a 1845, na província do Rio Grande do Sul; na Guerra do Prata, em 1851 e 1852, e na grande Guerra do Paraguai (1864 a 1870).

Militar preparado, disciplinado, inteligente e um impecável estrategista, Caxias soube conduzir todos os conflitos de que participou com toda a garra e patriotismo de um militar sempre pronto a defender sua nação.

Durante a Guerra da Tríplice Aliança, soube reorganizar a tropa, discipliná-la e conduzi-la com todo o respeito que um soldado deve ter para com o outro. Nos momentos em que esteve à frente das forças aliadas, buscou sempre os caminhos que levassem ao menor número de perdas. Até o fim de seu comando, esteve sempre à frente nos combates, dando exemplo de liderança e coragem.

Caxias também participou da política brasileira como senador do império, ministro da Guerra e presidente do Conselho de Ministros. Dos muitos cargos que ocupou, sempre buscou o melhor para o Brasil e para o Exército Brasileiro. Não é à toa que foi escolhido, em 13 de maio de 1962, como patrono do Exército Brasileiro.

Caxias, o maior de todos os soldados, morreu em 7 de maio de 1880, mas deixou seu nome gravado na História do Brasil.

Conclusão

Dezembro de 1868, mês em que Solano López sentiu a força do Exército Brasileiro e de seus aliados, Argentina e Uruguai. Não foi um dezembro qualquer, foi um mês em que quase

40 mil pessoas perderam suas vidas em nome de seu país e de seus concidadãos. Mês em que se viu o grande marechal sacrificar-se o maior e mais inteligente de todos os soldados brasileiros. Não sem erros e falhas, mas sempre com a certeza de fazer o possível dentro dos limites de cada um.

A historiografia ensina que a maneira como se escreve a História deve ser pautada sob aspectos que não podem fugir à cientificidade adquirida ao longo de mais de um século de História como disciplina acadêmica e como ciência. Hoje é sabido que é impossível ser imparcial ao escrever; no entanto, o que jamais pode faltar é a veracidade das informações e a validade dos documentos. Tudo pode ser usado como vestígio para se escrever e interpretar a História, mas se deve ter o cuidado de dar o seu devido valor.

Como nos tempos antigos não se atribuía muita importância ao fato exatamente como ocorria, o autor se dava ao luxo de incrementar e acrescentar detalhes que melhor pudessem agradar ao leitor. Permitindo-se, como no caso da “Dezembrada”, escrever de forma lírica e livre das amarras da ciência e dos dados.

Com o positivismo e a visão metódica da História, foi possível observar uma escrita sucinta, seca, árida e repleta de documentos comprobatórios sobre os fatos. Desta forma, foi possível compreender como Caxias conseguiu atacar López pela retaguarda utilizando-se de um caminho que poucos ousariam atravessar. O Chaco era a melhor estratégia para se chegar à retaguarda do inimigo. Além disso, foi possível perceber as dificuldades e os números das batalhas de Itororó, Avaí e Lomas.

Pelo olhar marxista, a História foi vista sob a óptica da luta de classes e da supremacia

dos interesses econômicos sobre todos os outros aspectos humanos. O interesse em ganhar mais dinheiro leva nações a lutar umas contra as outras sem nem sequer saber por que estão lutando. É uma forma crítica enxergar a História sob o viés do explorado sobre o explorador.


Com a Escola dos Annales, a “Dezembrada” se transformou em um imenso campo de experiência social, cultural, econômico, geográfico e histórico. É a historiografia utilizando-se de todas as formas de conhecimento para melhor apresentar a História. Com isso, percebe-se que o terreno que as tropas brasileiras percorreram no Chaco e durante as batalhas não era dos melhores; que as pontes que tiveram de atravessar eram de péssima qualidade; que as estradas que tiveram de construir e as trincheiras e fortificações que tiveram de invadir só foram possíveis com o empenho e a garra de cada um dos soldados. Entretanto, apenas foi possível que as gerações seguintes conhecessem e compreendessem esses fatos graças às mãos de diversos pensadores, que mantiveram as informações escritas e seguras.

A História Nova, com seu ar de novidade, sobre as bases consolidadas da Escola dos Annales, permitiu ao leitor compreender que a fuga de López teve várias hipóteses, cabendo só a quem estivesse presente às batalhas e no comando das tropas a defesa das diversas acusações. Caxias teve a chance e o privilégio de se defender e de ser ouvido por todas as gerações até hoje. Graças ao seu pronuncia-

mento como senador do Império, pôde esclarecer a fuga imperceptível, sob seus olhos, do ditador paraguaio. Não é a única versão sobre o fato, mas é a versão daquele que viveu os horrores de comandar e presenciar uma guerra em sua plenitude.

Quanto aos números deste conflito, que durou cinco anos, de 1864 a 1870, eles falam por si. Cofres públicos foram enxugados para bancar a guerra, milhares de mortos e feridos em todas as nações envolvidas, fronteiras repartidas, governos derrubados e outros empossados. E o Exército, desde o século XIX, está envolvido em missões de paz, mesmo que neste caso tenha sido um dos partícipes da guerra.

Caxias não foi imediatamente considerado o grande herói e estrategista do Exército após a Guerra do Paraguai. Demorou para que a historiografia e a sociedade reconhecessem o verdadeiro crédito àquele que definiu o destino e consolidou a vitória aliada no maior conflito armado da América do Sul.

Por fim, a “Dezembrada” foi o início do fim para Francisco Solano López, herói para alguns, ditador sanguinário e comandante controverso e falho para outros. Um mês que entrou para a História como o momento em que Caxias conduziu a guerra para o fim do Exército Paraguaio, formalmente constituído. Pois, depois da “Dezembrada”, López partiu em retirada e passou a lutar apenas em formato de guerrilha, se escondendo até sua morte, em 1º de março de 1870. 

Referências

Biografia resumida do Duque de Caxias. Disponível em: <www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/biografia-resumida-do-duque-de-caxias?inheritRedirect=false>.

Acesso em 19 maio 2018.

-
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas: da Idade Média aos nossos dias*. Portugal: Publicações Europa-América, 2012.
- BURTON, Richard Francis, Sir. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 1997.
- CARR, Edward Hallet. *Que é História?* 4ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1985.
- CARVALHO, Affonso. *Caxias*. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 1976.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense, 2013.
- CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio americano: A Guerra do Paraguai*. 17ª Ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1984.
- CUNHA, Marco Antônio. *A Chama da Nacionalidade – Ecos da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 2000.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história sobre a Guerra do Paraguai*. 2ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.
- LIMA, Luiz Octavio de. *A guerra do Paraguai*. 3ª Ed. São Paulo, SP: Planeta, 2017.
- MINEIRO JUNIOR, Francisco José. *Retirada da Laguna: derrota ou vitória*. *Revista Verde-Oliveira – Exército Brasileiro*. Brasília, DF, n. 236, p. 16-22, abr/2017.
- PERNIDJI, Joseph Eskenazi, PERNIDJI, Maurício Eskenazi. *Homens e mulheres na Guerra do Paraguai*. 1ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 2010.
- SILVEIRA FILHO, Luiz Cesário da. *Ordens do Dia da Guerra do Paraguai: Primeiro Corpo de Exército, sob o comando do Marquez do Herval*. Rio de Janeiro, RJ: ZL Soluções, 2008.
- WESTIN, Ricardo. “Guerra do Paraguai foi feita às apalpadelas”, afirmou Caxias no Senado. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/28/201cconflito-foi-feito-as-apalpadelas201d-afirmou-caxias-no-senado>. Acesso em 19 maio 2018.
- N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Os diversos conceitos de História:

Marc Bloch afirma que História é “Ciência dos homens”, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo”. (2002, p. 55)

Segundo E. H. Carr, a História “se constitui de um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado”. (1961, p. 29)

- “A história é o privilégio que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio. Ela situa o povo no centro dele mesmo, estendendo-o de um passado a um futuro.” (CERTEAU, 2013, p. XVIII)
- ² Bloch explica que “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”. (BLOCH, 2002, p.65)
- ³ “Tasso Fragoso, ao comentar a refrega em que o futuro Patrono teria emitido a célebre exclamação: Sigam-me os que forem brasileiros!” (CUNHA, 2000, p.128).
- ⁴ “Todos escreviam História na tradição da literatura, como grandes obras literárias produzidas para o deleite, ainda não havia a carreira universitária.” (FUNARI e SILVA, 2008, p. 28)
- ⁵ Funari e Silva explicam que “a História, termo grego que já se confunde, no senso comum, com a noção de passado, como se fosse aquilo que aconteceu. Na verdade, história é um termo grego que significava pesquisa, uma observação — de novo, uma noção ligada a algo investigado pela vista”. (2008, p. 14)
- ⁶ “Barthold Georg Niebuhr (1776-1831) foi um dos fundadores da nova Universidade de Berlim, produto do reformismo prussiano, o primeiro historiador da nova era, se assim podemos dizer. Suas palestras sobre a História de Roma, ministradas em 1811-1812, publicadas entre 1827 e 1832, marcam a nova erudição positivista.” (FUNARI e SILVA, 2008, p. 30)
- ⁷ “Mais do que julgar, compreender o passado, baseando-se na crítica erudita das fontes, essas são as pretensões do positivismo historiográfico nascente.” (2008 p. 31)
- ⁸ “A escola metódica quer impor uma investigação científica afastando qualquer especulação filosófica e visando à objetividade absoluta no domínio da história; pensa atingir os seus fins aplicando técnicas rigorosas respeitantes ao inventário das fontes, à crítica dos documentos, à organização das tarefas na profissão.” (BOURDÉ e MARTIN, 2012, p.93)
- ⁹ “A essa altura, os aliados eram 31 mil soldados — 25 mil brasileiros, 5 mil argentinos e mil uruguaios — contra não mais de 18 mil paraguaios.” (DORATIOTO, 201, p. 355)
- ¹⁰ “Após um árduo trabalho de 23 dias, realizado por 3.554 homens, o caminho de onze quilômetros ficou pronto.” (DORATIOTO, 2017, p. 355)
- “Para contornar o ponto de resistência paraguaio, determinou a construção, por 3.500 homens, de uma estrada com onze quilômetros de extensão na margem esquerda do Paraguai, através do Chaco.” (LIMA, 2017, p. 301)
- ¹¹ “Os combates em Itororó começaram às 8 horas e cessaram às 13 horas, com perdas de 1.200 paraguaios — seiscientos mortos —, enquanto os brasileiros, vitoriosos, perderam 1.806 combatentes, entre mortos e feridos...” (DORATIOTO, 2017, p. 360)
- ¹² “Desde o dia 6 de dezembro, o Exército paraguaio havia perdido quase 20 mil combatentes, ou seja, fora destruído. Do lado aliado, quase metade do efetivo brasileiro foi posto fora de combate, num total de 10.079 homens, dos quais 2.099 mortos e 7.980 feridos. Os argentinos tiveram 99 mortos e 464 feridos. Os mortos ficaram espalhados em uma área de quatro quilômetros quadrados, e grande parte dos cadáveres paraguaios era de crianças e velhos; alguns meninos tinham barbas postiças.” (DORATIOTO, 2017, p. 374)
- ¹³ “Na síntese final de Marx, a história significava três coisas inseparáveis entre si e formando um todo coerente e racional: a transformação dos acontecimentos de acordo com objetivos e leis primordialmente econômicas; o desenvolvimento correspondente do pensamento através de um processo dialético; a ação correspondente na forma de luta de classes, que reconcilia e une a teoria e a prática da revolução.” (CARR, 1961, p. 116)
- ¹⁴ “A Guerra do Paraguai foi causada, em conteúdo, por motivos econômicos. Naturalmente, há as questões de limites entre os países, as reivindicações territoriais da Confederação Argentina e do Império do Brasil, para mutilar a jovem República da Paraguai.” (CHIAVENATTO, 1979, p. 11)
- ¹⁵ “Ao terminar, o genocídio foi feito tão eficientemente, que só existiam no Paraguai cento e noventa e quatro mil habitantes. Destes, quatorze mil eram homens, e cento e oitenta mil, mulheres.” (CHIAVENATTO, 1979, p. 349)
- ¹⁶ “...ficou evidente que Francisco Solano López era um ditador quase caricato de um país agrícola atrasado, autor de erros militares que custaram a vida de milhares de seus valentes soldados...” (DORATIOTO, 2017, p. 18)
- ¹⁷ “Nas últimas décadas do século XX, a história da guerra foi ‘retrabalhada’ pelo revisionismo populista,

- ao se criar o mito de Solano López grande chefe militar e, absurdamente, líder anti-imperialista. Ao mesmo tempo, desqualificavam-se a atuação dos Exércitos aliados, a resistência e o sacrifício demonstrados por seus homens, lutando durante anos longe de seus países.” (Idem)
- ¹⁸ “Com uma população (paraguaia) de cerca de 300 a 400 mil habitantes. (...) estima-se que o Exército paraguaio, naquela oportunidade, contava com um contingente variando entre 28 mil e 57 mil homens.” (CUNHA, 2000, p. 31)
- ¹⁹ “... calcula em cerca de 80 mil homens o exército paraguaio, em abril de 1865. (BURTON, 1997, p. 33)
- ¹⁹ “... o número de mortos paraguaios na guerra estaria entre o mínimo de 24.286 e o máximo de 58.857 cidadãos.” (DORATIOTO, 2017, p. 457)
- ²⁰ “Os limites da República são indeterminados; e sobre esse assunto, o país tem diferenças com todos os seus vizinhos — com o Brasil, com a Bolívia e com a Confederação Argentina.” (BURTON, 1997, p. 29)
- ²¹ “Havia pouca instrução secundária e um único instituto no qual se permitia o ensino superior.” (BURTON, 1997, p. 38)
- ²² “Os únicos livros permitidos eram piegas vidas de santos, uns poucos volumes de viagens, subsidiados e autorizados pelo Estado, e horrendas litografias provavelmente impressas em Assunção.” (BURTON, 1997, p. 38)
- ²³ “A independência paraguaia só foi formalmente proclamada em 1842.” (DORATIOTO, 2017, p. 24)
- ²⁴ “24 abr. 1865 – No Mato Grosso, os paraguaios chegam a Coxim, ponto máximo da invasão.” (DORATIOTO, 2017, p. 563)
- ²⁵ “Ao assumir o comando, Caxias se empenhou em proporcionar uma alimentação de melhor qualidade às praças, assim como determinou o fornecimento aos oficiais de uma ração em gêneros, vinhos e dinheiro.” (CUNHA, 2000, p. 80)
- ²⁶ “De quase três mil homens que chegaram a compor a força expedicionária, apenas 700 voltaram a Porto Canuto.” (MINEIRO JÚNIOR, 2017, p. 21)
- ²⁷ “14 ag. 1868 – Caxias defende, em carta ao ministro da Guerra, o barão de Muritiba, o fim da guerra.” (DORATIOTO, 2017 p. 568)
- ²⁸ “Se a primeira geração foi marcada pelas preocupações de uma história socioeconômica e psicológica, e a segunda, por preferir o imaginário e a psicologia coletiva em benefício do socioeconômico e do demográfico, a terceira o é pela recusa e aceitação desses diferentes vetores.” (FUNARI e SILVA, 2008 p. 71)
- ²⁹ “Em 26 de dezembro, os comandantes aliados se reuniram para traçar o plano de ataque. Gelly y Obes propôs a Caxias que trouxesse o regimento San Martín, que participava do cerco de Angostura, para fortalecer a força do coronel Vasco Alves, que se encontrava no potreiro de Marmol, ponto tido como única alternativa de retirada de Solano López. Esse local tinha grande importância estratégica, por ele passando caminhos que conduziam a Cerro León, Itá, Itaquá e Pirajú.” (DORATIOTO, 2017 p. 373)
- ³⁰ “[...] eu não podia saber por onde López fugira. O Exército inimigo desfez-se na frente do nosso [...]” Trecho do discurso do Duque de Caxias no Senado em 15 de julho de 1870. (DORATIOTO, 2017 p. 379)
- ³¹ “Na ordem do dia nº 272, de 14 de janeiro, Caxias declarou a guerra terminada.” (DORATIOTO, 2017 p. 386)
- “Dentro de um organismo como o Exército, organizado hierarquicamente, e intimamente ligado ao Estado, sua administração reflete-se pela expedição de ordens, tomadas de decisões, análise de solicitações, entre outros aspectos. Esses atos são pautados não só pelas leis gerais que regem o país, mas também por normas específicas, inerentes àquela Instituição. E ontem, como hoje, as ações são diárias, algumas vezes abrangendo toda a corporação, dentro e fora do território nacional (...). Assim, sistematicamente desde 1857, as decisões exaradas pelo Governo e pelo Ministério da Guerra foram comunicadas a todo o Exército através de “Ordem do Dia” (...).” (MARTINS, 2008, p. 7)
- ³² (DORATIOTO, 2017 p. 461).
- ³³ “Comerciantes de Buenos Aires enriqueceram com o ouro brasileiro que chegou à cidade como pagamento de fornecimentos ao Exército imperial, e o governo argentino aproveitou para cobrar impostos de mercadorias em trânsito do Brasil para o Paraguai.” (DORATIOTO, 2017 p. 463)
- ³⁴ “Segundo os usos e privilégios das famílias militares de alta linhagem, como a sua, também assenta praça, aos cinco anos de idade, no Regimento de Bragança, em cujas fileiras segue todos os postos...” (CARVALHO, 1976, p. 6)